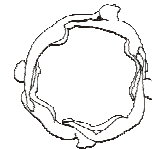




III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA DA DEFICIÊNCIA: ALGUMAS NOTAS DE CAMPO

Anahi Guedes de Mello¹
Adriano Henrique Nuernberg²

Resumo: O campo dos Estudos Feministas cada vez mais têm articulado gênero com outras categorias sociais como classe, raça/etnia, orientação sexual, geração, região e religião, dentre outras. Isso resulta da emergência de novas demandas no bojo do feminismo, na qual o desafio de considerar a diversidade de seus sujeitos políticos leva a avaliar diferenças e a pluralidade do contexto político. Por outro lado, as políticas de inclusão às pessoas com deficiência, alavancadas pelos movimentos sociais, acabaram por proporcionar maior visibilidade a esse grupo social, fazendo com que esta diferença significativa - a deficiência - demande reflexão e análise. O objetivo do trabalho é discutir, a partir do uso do método etnográfico, algumas questões relativas à constituição social da experiência da deficiência, à luz dos Estudos sobre Deficiência de matriz feminista, com foco na análise de narrativas de mulheres com deficiência. A abordagem tem como foco as questões de construção do corpo, do gênero e da sexualidade, no sentido de compreender como essas categorias se articulam na manifestação da deficiência como identidade política. Concluiu-se que a deficiência é uma experiência corporal significada social e culturalmente, destacando-se nesse processo o recorte de gênero.

Palavras-chave: Deficiência; Corpo; Gênero, Sexualidade; Estudos Feministas.

Introdução

O campo dos Estudos Feministas cada vez mais têm articulado gênero com outras categorias sociais como classe, raça/etnia, orientação sexual, geração, região e religião, dentre outras. Isso resulta da emergência de novas demandas no bojo do feminismo, na qual o desafio de considerar a diversidade de seus sujeitos políticos leva a avaliar diferenças e a pluralidade do contexto político. Por outro lado, as políticas de inclusão às pessoas com deficiência, alavancadas pelos movimentos sociais, acabaram por proporcionar maior visibilidade a esse grupo social, fazendo com que esta diferença significativa - a deficiência - demande reflexão e análise.

O modelo social da deficiência³ inicialmente proposto pelo sociólogo inglês Michael Oliver (1983) identificou duas principais formas de opressão contra as pessoas com deficiência: a primeira

¹ Cientista social, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora vinculada ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) e ao Núcleo de Estudos sobre Deficiência, ambos na mesma universidade. E-mail: anahigm75@gmail.com.

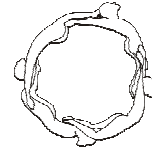
² Psicólogo, doutor em Ciências Humanas pela UFSC, professor do Departamento de Psicologia e coordenador do Núcleo de Estudos sobre Deficiência da UFSC. E-mail: adriano@cfh.ufsc.br.

³ Há dois “modelos clássicos” da deficiência, o modelo médico e o modelo social, posto que Pfeiffer (2002) distingue 10 modelos ou paradigmas da deficiência. Em linhas gerais, no modelo médico o foco se centraliza na deficiência da pessoa, objetivando-se a cura ou medicalização do corpo deficiente. No modelo social, a deficiência é vista como o resultado da interação entre um corpo com impedimentos de natureza física, intelectual, mental ou sensorial e um



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

é a discriminação socioeconômica; a segunda, a medicalização da deficiência, portanto, também da subjetividade. Entretanto, Margaret Lloyd (*apud* MELLO, 2009, p. 36) argumenta que “elas são pertinentes à deficiência, mas não ao gênero, uma vez que não contemplam, em nenhum momento, a realidade específica baseada no duplo enfoque, de gênero e de deficiência: a discriminação experimentada por homens com deficiência se multiplica no caso das mulheres com deficiência”. De fato, as mulheres com deficiência experimentam com maior intensidade situações de exclusão social do que os homens com deficiência e as mulheres sem deficiência, em parte devido aos valores patriarcais dominantes nas sociedades capitalistas. Nesse sentido, as mulheres com deficiência estão em dupla desvantagem devido a uma complexa discriminação baseada em gênero e deficiência e, conseqüentemente, enfrentam uma situação peculiar de vulnerabilidade, cuja complexidade pode ser evidenciada de modo mais contundente através da incorporação das categorias de raça/etnia, classe, orientação sexual, geração, região e religião, dentre outras (VERNON, 1999; MAYA, 2004; MELLO & NUERNBERG, 2012). Para Michelle Fine e Adrienne Asch (1988), conjuntamente com as categorias de raça/etnia, classe e orientação sexual, o feminismo deveria examinar como a deficiência interage com o gênero e as formas heterogêneas de opressão que podem emergir desse duplo enfoque. Essas autoras ainda sugerem que uma boa forma de unificar interesses entre feministas e mulheres com deficiência seria lutar pelos direitos sexuais e reprodutivos.

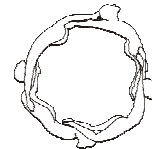
A *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, introduzida no ordenamento jurídico brasileiro por meio do Decreto Legislativo 186/2008 (BRASIL, 2008), incorporou o recorte de gênero ao incluir no documento o Art. 6, sob o título de “Mulheres com Deficiência”, com dois itens: o item 1 diz que “os Estados Partes reconhecem que as mulheres e meninas com deficiência estão sujeitas à discriminação múltipla e, portanto, deverão assegurar a elas o pleno e igual desfrute de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais”; e o item 2 menciona que “os Estados Parte deverão tomar todas as medidas apropriadas para assegurar o pleno desenvolvimento, avanço e empoderamento das mulheres, a fim de garantir-lhes o exercício e desfrute dos direitos humanos e liberdades fundamentais estabelecidos na presente Convenção”. Ainda, ao longo desse documento há sete vezes a menção ao gênero. Essa importante conquista fez com que os governos reconhecessem a importância da situação das meninas e mulheres com deficiência, das perspectivas

ambiente incapaz de acolher as demandas arquitetônicas, informacionais, programáticas, comunicacionais e atitudinais que garantiriam condições igualitárias de inserção e participação social às pessoas com deficiência (Cf. MELLO & NUERNBERG, 2012, p. 636).



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

de gênero e da igualdade entre as mulheres e os homens com deficiência, e entre as mulheres e os homens sem deficiência.

O objetivo desse trabalho é discutir, a partir do uso do método etnográfico, algumas questões relativas à constituição social da experiência da deficiência, desde uma perspectiva feminista dos Estudos sobre Deficiência e da análise de narrativas de duas mulheres com deficiência física, Laura e Alice⁴, respectivamente com 69 e 36 anos à época da entrevista⁵ e residentes no Rio de Janeiro e Belo Horizonte, sem filhos, pertencentes à classe média e com formação superior completa. A abordagem tem como foco as questões de construção do corpo, do gênero e da sexualidade, no sentido de compreender como essas categorias se articulam na manifestação da deficiência como identidade política.

Corpo, gênero e sexualidade na experiência da deficiência

Mello & Nuernberg (2012) destacam três eixos nos quais é possível identificar pontos centrais em comum entre os Estudos Feministas e de Gênero e os Estudos sobre deficiência: o pressuposto da desnaturalização do corpo, a dimensão identitária do corpo e a ética feminista da deficiência e do cuidado. Neste trabalho, pretendemos destacar, a seguir, os eventos mais marcantes evidenciados nos relatos das sujeitas, envolvendo alguns aspectos da experiência da deficiência que correspondem às duas primeiras interfaces analíticas. Segundo Maluf (1999), as “narrativas autobiográficas” são também narrativas de transformação e mudança pessoal, perspectiva que vai ao encontro da abordagem de “busca de sentido, ou seja, a necessidade de [o antropólogo] ir além da literalidade” (*idem, ibidem*, p. 70). Nesse sentido, a leitura de uma narrativa singular de sujeitas/os tem sentido para uma análise antropológica quando buscamos os sentidos sociais dados às experiências, sobretudo aquelas que articulam deficiência com corpo, gênero e sexualidade.

Capacitismo, autopercepção do corpo e efeitos do duplo estigma

A autopercepção do corpo feminino e os efeitos do duplo estigma estão presentes nos relatos de Laura e Alice, apontando para uma série de questões: a passividade do sujeito, os sentimentos de inferioridade, solidão e de exclusão social, a falta de auto-estima, a repressão da sexualidade e as dificuldades de estabelecer relações afetivo-sexuais e de construir uma rede de sociabilidade na

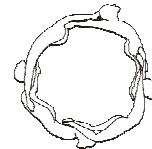
⁴ Para preservar a identidade das sujeitas, adotamos nomes fictícios.

⁵ A entrevista com Laura se deu em julho de 2008; com Alice, em setembro de 2012.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

escola marcam momentos da experiência com a deficiência, porquanto a falta de adaptações no ambiente resulta na não-apropriação do corpo, isto é, o acesso ao corpo é a apropriação do corpo, nesse caso um corpo que em função de sua história tem que ser reapropriado para poder usufruir das rampas geográficas e transpor com dignidade e conforto as rampas sociais:

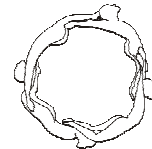
“A limitação é evidente pela falta de movimentos [...], de uma certa maneira, você vive uma experiência [...] muito diferente e mesmo, por exemplo, quando eu fui pra escola, aulas de Educação Física [...] ficava mais como observadora, [...] era uma coisa passiva, sem possibilidades de participar em jogos [...], de você lidar com o seu próprio corpo, e isso tem uma repercussão psicológica muito grande, porque você fica meio que emocionalmente limitada naquele espaço, de usar o seu corpo com mais flexibilidade, com mais mobilidade. Você ficava quase que restrita a uma observação, e isso me acompanhou a vida inteira. [...] E você acaba se fechando, de usar o seu corpo de uma maneira mais ousada e isso influenciando muito na questão da sexualidade. [...] É um corpo que passa por uma série de transformações, principalmente na deficiência física, você tem atrofias, deformidades, as marcas, cicatrizes de uma cirurgia [...], mas, realmente, a deficiência sobre a mulher traz um estigma muito maior da apreciação que as pessoas fazem do seu corpo.”
(Laura)

“ Eu vou te falar... eu tenho muita dificuldade de relacionamento [amoroso] por causa disso [da vergonha de ter uma deficiência física], esse meu amigo que eu tive amizade colorida foi o primeiro, e ele não tinha vergonha de mim na faculdade, ele não tinha, ele me tratava normal como os outros, e minha mãe não incentivava isso. Me incentivava dizendo que eu ia me formar... não dizia que eu iria encontrar alguém e ser feliz. Uma vez ou outra quando eu estava triste ela incentivava de leve, mas ela incentivava mesmo meu lado profissional, o que eu acho que foi um erro, lá em casa não se comentava de namoro comigo. Eu tinha uma colega que tinha deficiência, e eu falava: mãe a Claudía está namorando! Minha mãe olhava para a minha irmã...ficava aqueles olhares...era um assunto proibido em casa. Aí pra mim foi muito doloroso quando meu irmão casou, eu ficava pensando: será que eu vou me casar? E eu sabia que ia ser difícil pra mim, sabia desde o começo. E a gente sabe, você pega os índices, não tenho nenhum índice oficial, mas pelo que você vê, eu acho que é mais fácil uma mulher namorar um homem que é deficiente do que um homem namorar uma mulher que é deficiente. [...] Aí eu lembro que ele chegou pra mim e falou: Olha Lú, eu conversei com a minha irmã, com a minha mãe e não dá para continuarmos a relação. E eu falei: Você está falando do meu problema? E ele disse: Nossa Lú você nunca foi tão sincera! Eu disse: Olha, eu tenho esse problema e vou carregar pelo resto da vida, eu gosto muito de você. Eu fui embora arrasada depois da conversa, me sentia um zero a esquerda. Aí eu sei que ele casou, nunca mais vi ele, a mãe dele foi lá em casa e levou um convite de casamento. Eu achei uma cachorrada, porque eu falei pra ele que se ele casasse um dia eu não queria saber. Ele disse que se ele casasse seria comigo, que eu era a mulher perfeita pra ele. Que ele precisava de uma mulher como eu que tomava decisões.” (Alice)



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

É recorrente na literatura feminista do campo dos Estudos sobre Deficiência, como já referido, o argumento que evidencia “a dupla vulnerabilidade/desvantagem” que vivem as mulheres com deficiência em relação à participação social, direitos sexuais e reprodutivos, educação, trabalho e renda (MAYA, 2004; MELLO & NUERNBERG, 2012; NICOLAU, SCHRAIBER & AYRES, 2013). O culto ao corpo perfeito, belo e saudável inibe as pessoas com deficiência e constrange os “normais”. Assim, “devido à promoção da beleza harmônica que herdamos dos gregos até nossos dias, a manifestação da deficiência lesiona o conceito e a idealização de corporeidade grega que eugenicamente temos tão enraizados dentro de nós” (MELLO & NUERNBERG, 2012, p. 644). Desde esse ponto de vista, a mulher com deficiência foge das características corporais que socialmente em sociedades ocidentais contemporâneas se espera de uma mulher, enquanto objeto sexual. O nojo e a repulsa ao corpo deficiente tem correlação ao que Amaral & Coelho (2003) constataram em uma interessante pesquisa “sobre a imagem social e a auto-imagem das pessoas ditas “deficientes”, afirmando que:

“Defeitos” não aparentes, como gagueira, daltonismo, hemofilia, esterilidade, mastectomia, colostomia, AIDS, enfim, aquelas que permitem o que Goffman (1982, p. 16) chama de “manipulação da informação”, que não incluem a princípio, de modo geral, uma pessoa na categoria dos deficientes. Os próprios deficientes, além disso, constroem uma espécie de “gradação” dos defeitos que coloca alguns em relação de superioridade/inferioridade com referência a outros. O principal critério desta classificação parece ser o quão próximo ele está (ou consegue parecer) da *normalidade*. Quem consegue passar por “normal” ou tem deficiência ocultáveis ocupa, em geral os “melhores lugares” na classificação. Essa categorização é reforçada pelos familiares e demais pessoas com quem o deficiente convive. Durante a pesquisa de campo, a mãe de Rogério, um menino surdo, declarou-se resignada pois para ela a surdez constituía um mal menor: “E se fosse cego? Ou paraplégico? Isso não vai ser problema pra gente”. O mesmo pensa a mãe de um adolescente surdo: “Fui visitar uma escola de crianças retardadas e saí aliviada.”⁶

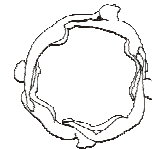
Com base nesses dados etnográficos, esses autores propuseram o seguinte quadro simplificado, que aqui propomos chamá-lo de “tabela da corponormatividade”:

⁶ AMARAL, Rita; COELHO, Antônio C. Nem Santos nem Demônios: considerações sobre a imagem social e a auto-imagem das pessoas ditas deficientes. *Os Urbanitas* (São Paulo), São Paulo - Internet, v. 1, n. 0, 2003. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/deficientes.html>>. Acesso em: 27 de maio de 2011.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Normalidade.....Deficiência

| | | | | |
|---|---|---|---|---------------------|
| Estéreis, colostomizados, mastectomizadas, daltônicos, diabéticos, aidéticos, etc | Surdos totais, surdos parciais, cegos parciais, mudos etc | cegos totais, claudicantes, hemiplégicos, anões, deficientes mentais em graus leves | amputados, hemiplégicos, paraplégiicos, tetraplégiicos, etc). | deficientes mentais |
|---|---|---|---|---------------------|



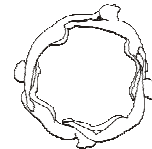
(fonte: pesquisa de campo)

Note-se que as pessoas com deficiência intelectual (no quadro nomeadas como deficientes mentais) estão enquadradas no último grau de “normalidade” da tabela. Em um perspectiva antropológica, quanto mais “desviante” e “deformado” um corpo, mais repulsa os “normais” sentem desse corpo, da sexualidade dissidente desse corpo, evidenciando uma situação peculiar de vulnerabilidade por condição de deficiência que, por sua vez, quando cruzada com as assimetrias de poder presentes nas relações de gênero, raça/etnia, classe, geração, sexualidade, etc., potencializa os efeitos desse duplo estigma, contribuindo para atitudes capacitistas que se refletem em diversas formas de violência e desigualdade contra as pessoas com deficiência, porquanto “[...] o corpo teratológico provoca em nós a vertigem da irreversibilidade. Primeiro, **aquilo ali, que não devia estar ali, está lá para sempre. Não se pode mais apagar** [grifo nosso]. E o "jamais" que ali se inscreve abre-se desmesuradamente como um bater do tempo para lá do tempo: aquilo que não passa e faz passar, o acontecimento absoluto, a morte como caos impensável.” (GIL, 1994, p. 138). A concepção capacitista está intimamente ligada à noção que Mello & Nuernberg (2012, p. 636) denominam de *corponormatividade*, que considera determinados corpos como inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação quando situados em relação aos padrões hegemônicos funcionais/corporais. Nesse sentido, capacitismo (Pereira, 2008) é a discriminação contra pessoas com deficiência. Trata-se de uma categoria que define a forma como pessoas com deficiência são tratadas como incapazes (incapazes de amar, de sentir desejo, de ter relações sexuais, etc), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais como o sexismo, o racismo e a homofobia.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Sexualidade, repressão e maternidade na experiência da deficiência

As falas das sujeitas também evidenciam para outros aspectos da experiência da deficiência: a representação da pessoa com deficiência como um ser assexuado e a repressão sexual (GESSER, 2010). Para Moukarzel (2003), as questões relacionadas à sexualidade das pessoas com deficiência representam um grande desafio, pois se confrontam com os valores e conceitos ocidentais dominantes. Da mesma forma que em relação ao segmento LGBTTTT, há uma grande intolerância social em relação à sexualidade das pessoas com deficiência (SHAKESPEARE, 1998). A representação da pessoa com deficiência como um ser assexuado (KANGAUDE, 2009) ou dotado de uma hipersexualidade (PAULA *et al.*, 2005; MAIA, 2006) reforçou o surgimento de mitos e estereótipos quanto às suas possibilidades como *sujeitos desejantes*⁷. Os fatores que entram em jogo para esta não aceitação nunca se sucedem por uma causa somente, são todas situações convergentes. O mais importante aspecto a considerar é que estas discriminações são um subitem da repressão a que se encontra o campo da sexualidade. Presente no relato acima de Alice, também foi perguntado à Laura se sua família reprimia ou não o seu direito à sexualidade:

“Muito, primeiro que a época já era repressora, fui de uma geração que a minha juventude foi da época de 70, [...] principalmente em relação à mulher, que tem toda aquela história de virgindade, de se conservar virgem para um casamento ideal que duraria para a vida inteira [...]. E isso é uma coisa que perdura até hoje, [...] ainda é um dado muito questionável das pessoas acreditarem na sua sexualidade e há uma confusão muito grande porque sexualidade é diferente de disfunção sexual, você por conta de uma lesão qualquer, ter uma disfunção sexual, mas não que você não tenha sexualidade [...]. E eu acho que com isso a pessoa também se considera assexuada, [...] é um erro básico porque as manifestações da sexualidade não são só em torno da genitalidade. [...] No meu caso, em particular, eu acho que eu também fiquei muito presa a isso porque todas as pessoas que eu conhecia, rapazes, inclusive aqueles que eu me interessava afetivamente, sexualmente, o tratamento era muito assim, destituído de uma sexualização. [...] Eu comecei a me relacionar muito tarde, sexualmente, [...] já era uma mulher madura, mas foram relações muito boas, apesar de que não pude ter constituído uma relação afetiva mais duradoura, [...] e principalmente, acho que a coisa mais forte é que você não consiga a maternagem, entendeu?” (Laura)

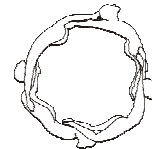
Já Alice também reprimia sua sexualidade, manifestando grande dificuldade de mostrar seu corpo, desejar e ser desejada:

⁷ Ou sujeitos de desejo (FOUCAULT, 1984).



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

“Aí ela [uma amiga] falava: Aninha, põe umas roupas diferentes, você só anda com roupas escuras e até o pescoço! Você tem um corpo bonito! E eu falava: Não, não posso! Aí um dia a gente foi num congresso dos advogados lá em Araxá. Aí ficamos no mesmo quarto, e coloquei a blusa até aqui [apontando a mão direita para a gola alta], aí ela falou: pelo amor de Deus ! Já vem você com essa blusa! Aí ela pegou e fez: “Zaaaac!” E rasgou a blusa! Ela falou pra mim: menina, você tem que abusar, você tem um colo bonito, use decote!” (Alice)

As duas narrativas permeiam uma série de questões, relacionadas aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres com deficiência: o direito à livre expressão sexual, às relações afetivo-sexuais, à autonomia sobre o corpo, à maternidade, ao erotismo, ao prazer, dentre outras. São relatos que mostram que a caracterização das mulheres com deficiência como seres assexuados contribui para uma representação social que não lhes condiz, ou seja, a de que as mulheres com deficiência não experimentam desejo sexual, não são desejadas por alguém. Essa visão, aliada a representações conservadoras que vinculam sexualidade à reprodução, restringe-lhes as possibilidades de reconhecimento como sujeito, já que para muitas sociedades contemporâneas as mulheres com deficiência representam “o degenerado que não deve ser reproduzido”. Não são, pois, belas e desejáveis, o matrimônio lhes é difícil, não são capazes de fazer suas próprias escolhas e, por conseguinte, não podem ter uma vida independente, muito menos serem mães. Nesse sentido, para Mello & Nuernberg (2012):

A deficiência pode ser compreendida como uma experiência marcada por processos de gênero. Shakespeare, revisando a literatura a respeito desse tema, comenta que feminilidade e deficiência reforçam-se mutuamente, enquanto que deficiência e masculinidade contradizem-se entre si, justamente pelos estereótipos associados a essas formas hegemônicas de identidades, a partir do binômio atividade/passividade. [...] De todo modo, o que se quer ressaltar aqui é que, se tendemos hoje a falar de masculinidades e feminilidades, é preciso ressaltar a deficiência como componente do espectro de possibilidades [e de deslocamentos] dessas posições de gênero plurais.⁸

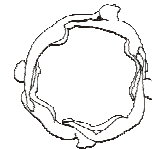
O tabu da sexualidade é um aspecto recorrente nos relatos das sujeitas quando reportam ao desejo e à aceitação do corpo. Segundo Berger (1999):

⁸ MELLO, Anahi G.; NUERNBERG, Adriano H. Gênero e Deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 3, 2012. p. 641.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

O envolvimento afetivo é um dos momentos da vida de um portador de deficiência em que não há como “camuflar” a deficiência. O que se espera e se busca num relacionamento afetivo é a aceitação total da pessoa, e isto significa inclusive aceitar a deficiência que a pessoa porta. Ambos precisam estar inteiros na relação e o que se descobre nesta hora de nudez e de entrega total é que o corpo em seu sentido mais físico é o suporte do indivíduo, constitutivo mesmo da identidade da pessoa. Aceitar o outro significa aceitá-lo sem ressalvas, considerando-se a deficiência da pessoa, mas também indo além dela.⁹

No entanto, conforme aponta Mello (2010), algumas mulheres com deficiência tentam camuflar a sua deficiência mesmo durante as relações sexuais. Essa autora participou, em agosto de 2008, durante três semanas e conjuntamente com outras 24 mulheres com deficiência de diferentes nacionalidades, do *4th International Women's Institute on Leadership and Disability*, em Eugene, EUA. No dia 26 daquele mês houve uma programação, entre sete e oito horas da noite, dedicada ao *Women's Interest Day*. Tratava-se de uma “reunião íntima” onde todas as mulheres com deficiência de cada país poderiam, se quisessem, falar dos seus problemas mais íntimos relativos à deficiência. Um dos relatos *in loco* presenciados pela autora foi o de uma mulher com deficiência física em decorrência de poliomielite, filipina e usuária de cadeira de rodas. Em seu relato, ela narrou que no momento das relações sexuais pedia para seu até então marido apagar as luzes, porque não queria que ele olhasse nem tocasse nessa parte de seu corpo. Relatara sentir vergonha de uma de suas pernas, mais larga que a outra. A narrativa desse evento causou uma forte comoção em todas as mulheres com deficiência ali presentes, que lhe prestaram apoio e solidariedade. Nesse sentido, a autoimagem do corpo deficiente parece representar o limite do tabu de si mesmo, em que a deficiência é camuflada mesmo durante os atos sexuais, o que nos remete “à ideia do corpo como uma espécie de máscara que impede tais indivíduos de revelarem o seu “eu verdadeiro”¹⁰” (ANTONIO, 2008, p. 78). O mesmo estudo antropológico de Antonio, sobre a cirurgia plástica, demonstrou a recorrência feminina quanto às queixas e “sentimentos de vergonha em relação ao próprio corpo e devido a isso, evitar expor o corpo nas relações afetivo-sexuais, mesmo com o marido ou namorado de anos de relacionamento.” (*idem, ibidem*, p. 77). Segundo Finger (1992),

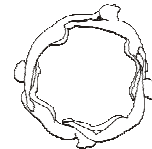
⁹ BERGER, Mirela. *A Projeção da Deficiência*. São Paulo, 1999. 202 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 101.

¹⁰ A expressão “eu verdadeiro” tem uma conotação essencialista, o que não diminui o interesse pela discussão do autor sobre o corpo como máscara.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Muitas vezes a sexualidade é a causa de nossa opressão mais grave; também muitas vezes é a causa de nossa mais profunda dor. Resulta-nos mais fácil falar - e formular estratégias para a mudança - sobre a discriminação no trabalho, na educação, na moradia, que falar sobre nossa exclusão da sexualidade e da reprodução.¹¹

Esse ocorrido nos faz pensar que o estatuto de *pessoa* das pessoas com deficiência será plenamente conquistado somente quando o tema da sexualidade for contemplado nas políticas públicas da área da deficiência, uma vez que sua condição de *pessoa comum* será assim reconhecida (MELLO & NUERNBERG, 2012). Os temas que já estão bem discutidos nos movimentos e políticas sociais da deficiência (Educação, Trabalho, Acessibilidade etc) ainda pertencem à esfera pública. São os temas da esfera privada que irão garantir a maior conquista desse estatuto de *pessoa*, por seu efeito político singularizante. Nesse sentido, as pessoas com deficiência têm muito a aprender com os movimentos feministas e LGBTTTI em suas atuais demandas em matéria de direitos sexuais e reprodutivos, que se concentram em questões do campo privado.

Considerações finais

A deficiência é uma experiência corporal significada social e culturalmente, destacando-se nesse processo o recorte de gênero. A deficiência não é nunca a prova de que a sexualidade não existe. Pelo contrário, a deficiência, sempre inesperada, é a demonstração de que a subjetividade, e com ela a sexualidade, nunca é aquele lugar ideal, seguro e estável. Justamente por isso que as pessoas com deficiência são também sujeitos desejantes. A pessoa com deficiência, tenha a deficiência que tenha, sempre é diferente da deficiência em si e essa diferença se joga em sua subjetividade.

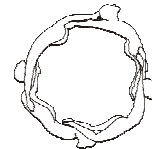
Os dados etnográficos apontam para a necessidade de se incluir as “questões de gênero” nas políticas públicas para pessoas com deficiência, conforme apontado por Adrião (2008) ao analisar também as questões singulares da deficiência na história do feminismo. Do mesmo modo, igualmente é importante a inclusão do enfoque da deficiência nas políticas públicas para mulheres.

¹¹ FINGER, Anne. Forbidden Fruit. *New Internationalist*, 233, 1992. p. 09.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Do feminismo e dos Estudos Feministas e de Gênero, os Estudos sobre Deficiência trouxeram as contribuições de várias acadêmicas feministas estrangeiras¹². No Brasil, a questão da deficiência ainda é considerada emergente nos movimentos e estudos feministas. Conforme enfatizou Diniz (2007), em analogia ao sexismo, a luta dos movimentos da deficiência era contra o a opressão do corpo deficiente (capacitismo). Essa preocupação fazia sentido, ainda que no Brasil não houvessem, num primeiro momento, debates sobre o tema da sexualidade das pessoas com deficiência, em especial considerando as mulheres com deficiência como novos sujeitos do feminismo brasileiro.

Referências

ADRIÃO, Karla G. *Encontros do Feminismo: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia*. Tese. 301 p. (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

AMARAL, Rita; COELHO, Antônio C. Nem Santos nem Demônios: considerações sobre a imagem social e a auto-imagem das pessoas ditas deficientes. *Os Urbanitas* (São Paulo), São Paulo - Internet, v. 1, n. 0, 2003. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/deficientes.html>>. Acesso em: 27 de maio de 2011.

ANTONIO, Andrea T. *Corpo e Estética: um estudo antropológico da cirurgia plástica*. Campinas, 2008. 153 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Campinas, Campinas.

BERGER, Mirela. *A Projeção da Deficiência*. São Paulo, 1999. 202 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. *Diário Oficial da União*, Brasília-DF, 10 jul. 2008, seção 1, edição 131, p. 1. Disponível em: <<http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/99423>>. Acesso em: 21 jun. 2009.

DINIZ, Debora. *O Que É Deficiência?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

FINE, Michelle; ASCH, Adrienne. *Women with Disabilities: essays in Psychology, Culture and Politics*. Temple University Press: Philadelphia, 1988.

FINGER, Anne. Forbidden Fruit. *New Internationalist*, 233, 1992, p. 8-10.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

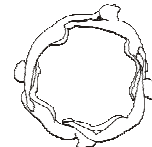
KANGAUDE, G. Disability, the Stigma of Asexuality and Sexual Health: a sexual rights perspective. *Review of Disability Studies*, v. 5, n. 4, 2009, p. 22- 36.

¹² Muitas delas são elas próprias mulheres com deficiência ou cuidadoras de seus/suas filhos/as com deficiência.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

GESSER, M. *Gênero, Corpo e Sexualidade: processos de significação e suas implicações na constituição de mulheres com deficiência física*. Florianópolis: UFSC, 2010. 296 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GIL, José. *Monstros*. Lisboa: Quetzal Editores, 1994.

MAIA, Ana Cláudia B. *Sexualidade e Deficiências*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MALUF, Sônia W. Antropologia, Narrativas e a Busca de Sentido. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 5, n. 12, dez. 1999, p. 69-82.

MAYA, Asunción M. *Mujer y Discapacidad: una doble discriminación*. Hergue: Editora Andaluza; Huelva, 2004.

MELLO, Anahi G. *Por uma Abordagem Antropológica da Deficiência: pessoa, corpo e subjetividade*. 2009. 85 p. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MELLO, Anahi G. A Construção da Pessoa na Experiência da Deficiência: corpo, gênero, sexualidade, subjetividade e saúde mental". In: MALUF, Sônia W.; TORNQUIST, Carmen S. (Orgs.). *Gênero, Saúde e Aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010. p. 133-191.

MELLO, Anahi G.; NUERNBERG, Adriano H. Gênero e Deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 3, 2012, p. 635-655.

MOUKARZEL, M. G. Machado. *Sexualidade e Deficiência: superando estigmas em busca da emancipação*. Campinas, 2003. 233 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NICOLAU, Stella M.; SCHRAIBER, Lilia B.; AYRES, José Ricardo C. M. Mulheres com Deficiência e sua Dupla Vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 3, 2013, p. 863-872.

OLIVER, Michael. *Social Work with Disabled People*. Basingstoke: Macmillan, 1983.

PAULA, Ana R.; REGEN, Mina; LOPES, Penha. *Sexualidade e Deficiência: rompendo o silêncio*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2005.

PEREIRA, Ana Maria B. A. *Viagem ao Interior da Sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade numa sociedade capacitista*. Dissertação. 255 p. (Mestrado em Sociologia). Universidade de Coimbra, 2008.

PFEIFFER, David. The Philosophical Foundations of Disability Studies. *Disability Studies Quarterly*, v. 22, n. 2, 2002, p. 3-23.

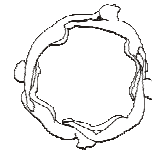
SHAKESPEARE, Tom. Poder y prejuicio: los temas de género, sexualidad y discapacidad. In.: BARTON, Len (Org.). *Discapacidad y Sociedad*. Madrid: Ed. Moratta, 1998. p. 205-299.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

VERNON, Ayesha. The Dialectics of Multiple Identities and the Disabled People's Movement. *Disability & Society*, v. 14, n. 3, 1999. p. 385-398.

